

UM HOMEM, UM SÁBIO E UM AMIGO: JOSÉ VITORINO DE PINA MARTINS

Com o desaparecimento de J. V. de Pina Martins perdeu a *Via Spiritus* não só um membro ilustre da sua Comissão Científica, mas também, desde a primeira hora, como já tinha acontecido com Maria de Lourdes Belchior, um dos mais inteligentes apoios do projecto de investigação que, iniciado anos antes, a revista pretendia, desde 1994, ir demonstrando. E o seu apoio foi tanto mais precioso quanto partia de alguém que, não dedicando uma atenção específica à história da espiritualidade no sentido que esse projecto privilegia, sabia e sempre defendeu que não é possível uma história da cultura do *Ancien Régime* sem atender a esse vector do Classicismo que, como têm chamado a atenção estudos recentes, é o seu paradigma incontornável. E deixando campos mais vastos da cultura europeia – *Cultura Europeia/ Cultura Portuguesa* foi durante algum tempo uma tribuna sua no *Diário de Notícias* – que ele via, especial, mas nunca exclusivamente, através das suas matrizes italianas – como que consagradas pela sua eleição como sócio dos *Lincei* –, sublinhava-o com os estudos de M. Bataillon, R. Ricard e Eugenio Asencio para a Península Ibérica.

Não foi meu professor, pois quando chegou à Faculdade de Letras de Lisboa andava eu a preparar a minha dissertação de licenciatura, mas desde que, uma tarde, o esperei sentado nos degraus da sua casa na Marquês de Fronteira para o ouvir sobre D. Francisco Manuel de Melo, nunca mais deixei de procurar o seu conselho e de auscultar, pessoal ou bibliograficamente, o seu imenso saber. Nunca poderei esquecer a revelação – a palavra é exactamente esta – que foi então para mim a sua biblioteca. Se já então era grande e envolta em uma aura de *locus sacrus* dada não só pelas primeiras edições, mas também de todas as melhores, estava ainda longe de atingir o esplendor que ganhou quando, muitos anos depois, veio a ser presidida por esse soberbo retrato do jovem Pico della Mirandola que durante os seus anos «gulbenkianos» de Paris estava por traz da sua cadeira no seu gabinete da Av. d'Iéna. Creio que seria cientificamente incorrecto, para não dizer uma vulgaridade, ver este seu amor aos livros pelo prisma do coleccionismo – que, fosse esse o caso, bem poderia rever-se no dos grandes senhores do Renascimento –, mas se quisermos sublinhar esta dimensão aparente teremos que nos lembrar que esse seu amor ao livro – ao antigo, mas também ao belo – ditava-lho, como exemplo, esse seu Petrarca que – seria preciso lembrá-lo? – os reunia como amigos sempre fiéis e disponíveis. E um e

outro, à distância de séculos, provaram bem como sem essa presença não teria sido possível nem «fazer renascer» o passado, nem estudá-lo com fidelidade – essa fidelidade que se diz Filologia –, nem mostrá-lo em amplas ou restrictas exposições. Muito da investigação de J. V. de Pina Martins – de Petrarca a Erasmo, de Pico a Leão Hebreu, de Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda a D. Francisco Manuel de Melo – é, como pesquisa e fonte, a sua biblioteca, essa biblioteca sempre tão generosamente aberta que para tantos, portugueses e estrangeiros, foi a biblioteca nacional dos estudos sobre o Humanismo.

Para muitos dos que temos vindo a fazer a *Via Spiritus* o Professor da Universidade de Lisboa, o Director do Centro Cultural de Paris, o Director do Serviço de Educação da Fundação C. Gulbenkian, o Presidente da Academia das Ciências foi, como se terá suspeitado, não apenas um sábio sempre a ouvir, mas também, tantas vezes, um mecenas cultivando, com fina elegância e gentileza, a arte de endereçar um convite para uma reunião científica, patrocinar um pedido de bolsa de estudo, gratificar com a palavra certa uma investigação, propor a discussão consequente sobre outra, acompanhar e fazer apresentações em visitas a livrarias e colecções de tesouros bibliográficos que, sem a sua benevolência e influência, seriam *horti conclusi*, dissipar, com o seu certo conhecimento dos homens e das coisas, as horas negras por que passa um investigador.

E desde a sua alta estatura física e moral, da sua imensa tolerância, foi alguém que sempre soube querer apostar no que os mais novos queriam apostar. Os 18 números da *Via Spiritus*, qualquer seja o juízo que um dia deles se venha a fazer, são, em larga medida, o resultado dessa sua imediata compreensão e apoio do projecto que se delineou com Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade. E junto de Deus sabe nunca o esqueceremos.

José Adriano de Freitas Carvalho